

MODOS DE PONTUAR: USO ENUNCIATIVO DA VÍRGULA

Eliana Vasconcelos da Silva Esvael (UFPB)

Resumo: Este artigo tem por objetivo verificar o modo como universitários utilizam a vírgula. O *corpus* é composto por textos correspondentes à parte de respostas a uma questão de Língua Portuguesa e Linguística do Provão, hoje, Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE). Os pressupostos teóricos ancoram-se em Bakhtin (1992; 1986), considerando a natureza constitutivamente dialógica da linguagem e suas implicações para o estudo da escrita e, especificamente, para o modo de pontuar com a vírgula. A interpretação dos dados permitiram confirmar a hipótese de que uma das funções da vírgula é a enunciativa. Os resultados apontam uma correspondência duplamente dialógica que mostra o sujeito escrevente na sua relação com o outro. Nessa relação, estabelecem-se momentos de negociação entre os interlocutores, marcados no enunciado por meio da vírgula, configurando a sua função enunciativa.

Palavras-chave: Pontuação. Função enunciativa da vírgula. Dialogismo.

Abstract: This article aims to verify the way university students use the comma. The corpus is composed of texts corresponding to the part of answers to a question of Portuguese Language and Linguistics of “Provão”, nowadays called National Exam of Student Performance (ENADE). The theoretical assumptions are anchored in Bakhtin (1992; 1986), considering the constitutively dialogical nature of language and its implications for the study of writing and, specifically, the way of punctuation with a comma. The interpretation of the data allowed to confirm the hypothesis that one of the functions of the comma is the enunciative. The results point to a double dialogic correspondence that shows the writing subject in its relation to the other. In this relationship, negotiation moments are established between the interlocutors, marked in the enunciate by means of the comma, configuring its enunciative function.

Keywords: Punctuation. Comma enunciative function. Dialogism.

Introdução

Neste artigo, investigamos o uso da vírgula, do ponto de vista dialógico, em textos de formandos do curso de Letras, observando o tipo de relação que esses escreventes propõem no uso desse sinal. Consideramos, para tanto, não apenas os aspectos linguísticos, mas, sobretudo, o uso da vírgula nos modos de escrever no processo de produção do texto. Tomamos, pois, como ponto de partida, a hipótese de que o uso da vírgula evidencia uma função

enunciativa da pontuação. Nesse modo de pontuar estão entrecruzados aspectos fundamentais para a construção de sentidos do texto.

A função e os usos da vírgula são relacionados ora a aspectos da fala - com base em aspectos como a necessidade fisiológica de respirar, a facilitação da leitura, a indicação de pausas na leitura -, ora aos que se opõem a esse relacionamento, baseando em critérios normativos, classificando o que se deve entender como o “certo e o errado”. Este ponto de vista, além de dicotomizar fala e escrita, deixa de lado uma visão mais abrangente, que toma o oral como um dos critérios dos modos de pontuar.

O verbete “pausa” é, segundo o Ferreira (1975), a “[...] interrupção temporária de ação, movimento ou som. [...] silêncio breve ou longo, que se produz em uma enunciação”. É evidente a referência à enunciação oral; entretanto, nem sempre podemos dizer que os sinais de pontuação na enunciação escrita têm a função de representar uma pausa do oral. Muitas de suas ocorrências são mais bem descritas como representações de um conjunto de traços prosódicos, como a entonação. Desse modo, a pontuação pode exercer, na escrita, uma função semelhante à da prosódia, na oralidade.

Como ocorre em outros fatos que envolvem a sintaxe, os sinais de pontuação agrupam ou separam segmentos e estabelecem hierarquizações. Entretanto, nem sempre os agrupamentos dados pela pontuação coincidem com os agrupamentos orientados pela sintaxe, pois, ao agrupar ou segmentar, os sinais de pontuação compõem relações semânticas que podem ir além da sintaxe do enunciado. Assim, evidenciam mais a relação entre prosódia e sentido do que entre “pausa” e “necessidade fisiológica de respirar”, ou mesmo (de modo exclusivo) entre “pausa” e “limites sintáticos”.

Catach (1980) reconhece, em pelo menos uma das três funções que ela estabelece para a pontuação, a correspondência com o oral. Nessa correspondência, a autora relaciona a indicação de pausas, do ritmo, da linha melódica, da entonação. Podemos, então, depreender

que o sujeito escrevente pode marcar fragmentos prosódicos mentalizados durante o processo de escrita, transpondo-os graficamente por meio da vírgula. O que não significa dizer que todos os momentos de pausa sejam representados graficamente, na escrita, por meio dos sinais de pontuação.

Creemos que o sujeito escrevente, no momento da sua produção, nem sempre reflete exclusivamente sobre a sintaxe, ou seja, ao colocar vírgulas, delimitando, por exemplo, um aposto, o faz não apenas por ser um aposto, mas também por orientar-se pela prosódia, cujas marcas podem ser graficamente registradas pelos sinais de pontuação. Desse modo, as características prosódicas registradas pelos sinais de pontuação trazem à tona o papel da prosódia na composição do sentido do enunciado, ou seja, evidenciam o seu papel na relação entre sintaxe e semântica.

De acordo com Corrêa (1997), há, na escrita, traços da fala que se tornam presentes sob a forma de “gestos”. O autor defende que “[...] o escrevente constrói dimensões conversacionais e argumentativas, bem como elementos da situação imediata de enunciação, por meio de gestos que supõe plasmados nas projeções espaciais, linguisticamente marcadas, que faz em seu texto” (p. 65). Em outras palavras, o sujeito, ao enunciar por intermédio do texto escrito, pode supor representar graficamente um gesto articulatório característico da oralidade. Assim, busca registrar, na escrita, o valor argumentativo do seu gesto articulatório para direcionar um efeito de sentido que tenciona transmitir ao interlocutor.

De forma inversa, mas na mesma perspectiva, podemos ver, em Authier-Revuz (1995), a reflexão a respeito do gesto das aspas realizado pelo sujeito falante no momento da sua enunciação oral:

O “gesto das aspas”, unívoco, compete a um tipo de gestual “secundário”, inscrevendo num espaço um gesto derivado dessa materialidade de uma outra utilização do espaço, aquele da cadeia escrita. Transposição no oral de um signo especificamente escrito, o “gesto das aspas”, é suscetível de funcionar de modo autônomo como sinal de modalidade autonímica; ele pode, de fato, acompanhar uma forma verbalizada (p. 135, grifo da autora).



Vê-se que, nas duas possibilidades descritas, o que está em jogo na constituição gráfica do gesto na escrita ou o gesto na transposição do escrito para o oral é a constituição do sentido que esses gestos carregam para exemplificarem-se relações específicas do sujeito com a linguagem e, em particular, com os modos de escrever um texto.

De acordo com Bakhtin (1986), a significação vem de fora para dentro do texto: o seu centro organizador localiza-se no exterior. À participação do sujeito, somam-se, no processo enunciativo, aspectos como os demais elementos das condições de produção – tempo, lugar, papéis sociais dos sujeitos - e do próprio enunciado. O sujeito está, pois, inserido numa dimensão sócio-histórica, na qual a enunciação determina “[...] a que título aquilo que se diz é dito” (p. 14).

Na escrita, a vírgula é um signo que pode representar fatos variados, como o próprio posicionamento - separando o que vem antes e o que vem depois -, a entonação, o ritmo. Chacon (1998) relaciona os dois últimos aspectos à construção de sentido: “[...] a entonação revela-se como organizada – é rítmica –, na medida em que seu jogo funciona como suporte indispensável para a compreensão do que é construído por meio de palavras” (p. 18).

A entonação como elemento da significação está presente também em Bakhtin quando esse autor trata do acento de valor ou *apreciativo*, isto em relação à palavra: a “[...] apreciação social contida na palavra é transmitida através da *entoação expressiva*” (1986, p. 132, grifos do autor). Para ele, a situação de produção desempenha papel importante na construção de sentidos. Segundo o autor (1986), a avaliação social vai determinar a entonação, bem como a escolha do material verbal e a ordem da disposição no enunciado. Nessa mesma direção, podemos afirmar que os sinais de pontuação sofrem as mesmas determinações.

Desse modo, a construção de sentidos do enunciado é dialógica na medida em que o sujeito escrevente projeta seu interlocutor virtual com quem negocia parte do sentido do texto. Na qualidade de registro gráfico dessa negociação parcial os sinais de pontuação funcionam

como pistas, dentre as quais o uso da vírgula assinala uma das escolhas enunciativas do sujeito escrevente nesse mesmo processo de construção de sentidos do enunciado.

Em síntese, relacionar fala, escrita, pontuação e sentido não é apenas estreitar o vínculo entre duas modalidades, mas é também mostrar que é da dialogia presente nessa relação que se constituem os sentidos do enunciado.

1. Pontuação e dialogismo

Ao ser assinalada pelo sujeito escrevente, a pontuação evidencia um aspecto inerente à linguagem: a sua dialogia. Pontua-se um texto exatamente por acreditar-se na existência de um interlocutor. Não haveria sentido em pontuar um texto, senão para dar um direcionamento a ele: “[...] o próprio fato de se pontuar já é a marca mais flagrante da presença do interlocutor na produção textual: pontua-se para alguém, pontua-se com a expectativa de leitura, com a expectativa de se fazer entender (Chacon, 1998, p. 126). Nessa perspectiva, o modo de o sujeito pontuar o seu texto estará diretamente relacionado ao papel social que seu interlocutor desempenha na sociedade, assim como ao seu próprio papel.

Segundo Benveniste (1989), no ato da enunciação, há um ato individual de um sujeito que mobiliza a língua por conta própria. Para ele, a enunciação é o “[...] colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (p. 82). É nesse ato individual que “[...] o homem se constitui como sujeito” (1995, p. 286). É igualmente nesse momento que o outro se constitui, possibilitando o jogo entre o “eu” e o “outro”. Na escrita, é também uma relação intersubjetiva que põe em relação escrevente e interlocutor (virtual). De acordo com o autor, o processo da enunciação pode ser definido como a apropriação pelo sujeito do aparelho formal

da língua. Comparando com a pontuação, pode-se dizer que o escrevente, ao utilizar-se dos sinais de pontuação, apropria-se de um recurso enunciativo da modalidade escrita da língua, isto é, o sujeito escrevente pontua seu texto porque pressupõe um interlocutor.

Bakhtin (1986, 1992) desenvolve o conceito de diálogo, que o autor vê de forma ampla e que vai além da simples comunicação como troca de mensagens entre interlocutores. Essa noção abrange não só a estrita comunicação face a face, como também toda comunicação. O autor defende que a verdadeira substância da língua é constituída pela interação verbal que se realiza na e com a enunciação. Para o autor, não há enunciado fora da dimensão dialógica da linguagem. O dialogismo configura-se na relação entre o “eu” e o “outro”, tornando-os indissociáveis. Essa construção se dá num determinado tempo, num espaço social e sob condições específicas, o que evidencia o aspecto histórico e social que está presente na linguagem.

Dessa forma, estabelece-se uma relação entre elementos como: história, sociedade, linguagem e sujeito; todos eles com fundamental importância no processo enunciativo, uma vez que o sujeito escrevente, ao produzir o seu enunciado, é definido por essas relações que condicionam a sua produção, inclusive, no uso dos sinais de pontuação.

Segundo Bakhtin (1986), o indivíduo, bem como sua enunciação, são necessariamente sociais, inseridos num contexto histórico. O que compreende afirmar que os sujeitos da enunciação não estão totalmente livres, mas submissos a fatores internos e externos. A expressão também não está no indivíduo, uma vez que ela é determinada pelas condições reais da enunciação em questão.

A enunciação, assim, é constituída nas situações concretas de usos da língua e na relação social com suas respectivas hierarquias, condicionando as escolhas do sujeito escrevente. É por isso que a escolha dos sinais de pontuação vai depender do contexto no qual o enunciado está inserido (Bakhtin, 1992). O caráter ideológico da linguagem são evidenciados

nessas escolhas, uma vez que o sujeito escrevente faz as escolhas em função de um outro, e ambos, sujeito escrevente e interlocutor, são parte de um contexto sócio-histórico. Temos, portanto, dois elementos importantes na constituição da enunciação: o linguístico e o extra linguístico. Esses elementos vão caracterizar a enunciação, que se dará no processo de interação.

Para Bakhtin (1992), cada réplica resultante da alternância dos sujeitos possibilita uma “posição responsiva”, que o autor define como “acabamento”. Esse acabamento permite a reação do outro ao enunciado. É nesse sentido que Bakhtin diferencia “oração” de “enunciado”, uma vez que nem a oração nem as palavras isoladas pressupõem a alternância de sujeitos porque “[...] não pertencem a ninguém assim como não se dirigem a ninguém” (p. 325). Já o enunciado, além de ser compreensível no nível da língua, pressupõe a presença dos interlocutores.

Dessa forma, o sujeito relaciona-se a planos enunciativos desveladores de relações de alteridade efetivadas no enunciado, propiciando, assim, uma negociação entre o sujeito escrevente e o seu enunciado, concomitante à negociação entre o interlocutor. Desvela, ainda, um outro duplo na sua relação com outros enunciados (o já-dito).

Essas formas de negociação do sujeito com sua escrita podem ser comprovadas pela pontuação que é exibida na superfície do enunciado. Assim, nesse jogo dialógico, a vírgula exerce seu papel (enunciativo), pois, apesar de localizada na superfície do enunciado, revela, na profundidade, a possibilidade de construção de sentidos, uma vez que sua presença permite recuperar esses planos dialógicos. O sentido depreendido do enunciado resulta dessa dupla dialogia do sujeito com a sua escrita, com os já ditos.

Cabe lembrar, ainda, com Bakhtin (1992), que toda enunciação possui uma orientação apreciativa no momento da interação verbal. Isso porque sujeito escrevente, ao elaborar o enunciado, embute sua visão de mundo, seu ponto de vista e, ao mesmo tempo, um querer-

dizer, um intuito, ao levar em consideração a presença do outro. O sujeito escrevente se faz presente na seleção dos recursos linguísticos, compondo o seu enunciado com escolhas, por exemplo, a partir do modo como idealiza o seu interlocutor, sendo a pontuação uma forma de organizar essas escolhas. Assim, a opção pela vírgula numa determinada posição no enunciado é condicionada por uma série de elementos enunciativos.

Podemos, pois, depreender que três fatores são fundamentais na enunciação: a) a interioridade manifestada no escrevente pelo seu querer-dizer, que inclui necessariamente o interlocutor e que podemos sintetizar como a intersubjetividade; b) a exterioridade revelada pelo contexto de produção, que abrange aspectos sócio-históricos nos quais o sujeito escrevente está inserido; c) as marcas linguísticas presentes no enunciado. Podemos acrescentar, ainda, que a própria situação da enunciação e seu auditório determinam as dimensões e as formas da enunciação (Bakhtin, 1981). Por isso, o sujeito escrevente, o contexto de produção do enunciado e a presença do interlocutor (mesmo que virtual) constituem o modo particular de enunciação pela escrita, incluindo nele os modos de pontuar.

2. Função (enunciativa) da vírgula

Chacon (1998) relaciona a constituição enunciativa da pontuação com a inserção do interlocutor no processo da enunciação; pois, “[...] o próprio fato de se pontuar já é a marca mais flagrante da presença do interlocutor na produção textual: pontua-se para alguém, pontua-se com a expectativa de leitura, com a expectativa de se fazer entender” (p. 126). assim, na visão do autor, os sinais de pontuação têm um caráter enunciativo, pois estão presentes no enunciado pensando na réplica desse interlocutor para serem “decodificados” no momento da leitura. dessa

maneira, a função enunciativa da pontuação indicia o sujeito num processo de negociação em que o outro é antecipado, como uma réplica que, ao mesmo tempo, indicia o interlocutor, já que se pontua para esse outro. O caráter dialógico manifesta-se, assim, no uso dos sinais de pontuação, uma vez que, o sujeito escrevente, além desse agir sobre a linguagem, preocupa-se com o interlocutor.

O escrevente, no papel de enunciador, demarca o seu texto em atenção ao interlocutor e, ao mesmo tempo, tenta delimitar o sentido do enunciado para facilitar a compreensão. Pode-se dizer que é por meio da função enunciativa da pontuação que o sujeito escrevente age com e sobre a linguagem, distanciando-se ou aproximando-se de seu interlocutor. Essa aproximação vem ao encontro do que pensamos sobre o processo interativo que envolve a ação de pontuar.

Podemos, pois, depreender que três fatores são fundamentais na enunciação: a) a interioridade manifestada no escrevente pelo seu querer-dizer, que inclui necessariamente o leitor e que podemos sintetizar como a intersubjetividade; b) a exterioridade revelada pelo contexto de produção, que abrange aspectos sócio-históricos nos quais o sujeito escrevente está inserido; c) as marcas linguísticas presentes no enunciado. Podemos acrescentar, ainda, que a própria situação da enunciação e seu auditório determinam as dimensões e as formas da enunciação (Bakhtin, 1981). Por isso, o escrevente, o contexto de produção do texto escrito e a presença do interlocutor (mesmo que virtual) constituem o modo particular de enunciação pela escrita.

A função enunciativa da vírgula (e dos sinais de pontuação) é construída sob esses fatores, além de estar relacionada a vários aspectos como o prosódico, o sintático e o semântico, resultando, para Chacon (1998), numa “[...] multidimensionalidade da linguagem [que] vem indicia da pontuação e se organiza na própria atividade enunciativa escrita” (p. 284). A pontuação, para o autor, é indicadora do ritmo da escrita, porque é este que organiza o

heterogêneo da linguagem num ato enunciativo. Desse modo, a heterogeneidade mostra-se na “[...] própria constituição das unidades rítmicas” (p. 217).

Para o autor, o caráter enunciativo mostra-se na atividade do sujeito escrevente de constituir sua produção gráfica e de marcar-se como sujeito da escrita. Além disso, esse caráter está associado às condições de produção do enunciado e envolve as intenções comunicativas do escrevente para com o seu interlocutor, o que traz à tona a dialogia como característica essencial de uma pontuação enunciativa.

Podemos concluir, assim, que a vírgula, em função enunciativa, participa do processo de atualização material do enunciado escrito, seja no momento da composição do texto escrito seja no momento da leitura (oral ou silenciosa), o que mostra sua importância na interação e na compreensão do enunciado.

3. Contexto de enunciação e constituição do *corpus*

Os textos selecionados para análise foram constituídos numa situação de avaliação: o Provão do ano 2001, atualmente nomeado Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE). Os sujeitos envolvidos são, por um lado, os formandos do curso de Letras – a quem chamamos sujeito escrevente – que responderam a uma questão discursiva do Provão sobre Língua Portuguesa e Linguística; por outro, o examinador – a quem chamamos interlocutor. São, portanto, esses dois sujeitos os protagonistas desse processo de enunciação.

Quando o sujeito escrevente produz seu enunciado, está envolto em vários fatores que, direta ou indiretamente, influenciam no processo da enunciação. Dentre esses fatores, destaca-se a banca de correção. Ambos, escrevente e interlocutor, participam ativamente desse

processo, carregando consigo todas as implicações de seus papéis no contexto em que estão inseridos.

Nesse contexto, observamos, no enunciado de uma questão do ENADE, o uma narrativa produzida (possivelmente) em contexto escolar por uma menina de 10 anos, que retoma, provavelmente, a história de um livro literário, bem como a solicitação de reescrita do segundo parágrafo dessa narrativa. A comanda da prova, ao solicitar essa reescrita, solicita também justificativa linguística para as mudanças efetuadas pelo formando. Para a análise, reproduzimos apenas as reescritas do segundo parágrafo, organizadas, aqui, na forma de exemplos.

Pode-se ter duas diferentes maneiras de ler e constituir sentido para o trecho da história: 1) a leitura do segundo parágrafo no enunciado da questão, feita pelo formando; 2) a leitura da sua própria reescrita, registrada no campo das respostas. Nessas duas diferentes maneiras de ler, movimentam-se duas posições do sujeito escrevente. Nessas posições, o sujeito escrevente constrói diferentes sentidos, pois cada posição representa um determinado contexto.

No evento ENADE, há uma divisão do sujeito. O escrevente é um formando que será avaliado por intermédio da sua escrita. Trata-se, portanto, de um estudante que, ao mesmo tempo, assume o papel de professor que interfere no texto-base. Nesse papel de professor, também será avaliado, exatamente por ser o ENADE um exame que avalia a formação de um profissional. Desse modo, o sujeito escrevente posiciona-se nessas fronteiras, propiciando pelo menos dois planos dialógicos: 1) estudante: escreve seu enunciado, reflete sobre ele, condicionando suas escolhas linguísticas; 2) professor: escreve seu enunciado, reflete sobre ele e, ao mesmo tempo, sobre o texto-base. É a representação de dois papéis assumidos pelo mesmo escrevente que vai compor-se no contexto da enunciação.

Não encontramos, pois, somente marcas do sujeito escrevente no enunciado; concomitantemente, sujeito interlocutor também se faz presente. Naturalmente, sua presença é determinada pelas próprias escolhas feitas pelo sujeito escrevente e está diretamente

relacionada ao papel de ambos no contexto da enunciação: “Nas esferas da vida cotidiana ou da vida oficial, a situação social, a posição e a importância do destinatário repercutem na comunicação verbal de um modo todo especial” (Bakhtin, 1992, p. 322). Além disso, o “[...] grau de proximidade do relacionamento entre o destinatário e o locutor nos gêneros do discurso” (p. 323) também deixa marcas no enunciado. Assim, pressupor o outro é fundamental na enunciação, é condição imprescindível do enunciado, conforme atesta Bakhtin: “[...] ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado” (p. 325).

Bakhtin (1986) trata da escolha da palavra como função do interlocutor, pois, para o autor, é através do outro que o sujeito – o eu – é definido. É através da palavra materializada como signo na interação entre enunciador e enunciatário que se dá a comunicação social e sua realização é determinada pelas relações sociais: “[...] a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação (p. 113).

Temos, portanto, dois tipos de contexto: a situação (imediata) de avaliação e o contexto mais amplo, o sócio-histórico, de cuja definição participam os discursos, na qualidade de determinantes e de determinados. Ambos os contextos suscitam reações do sujeito escrevente, devido ao papel por ele representado nessa situação e repercutem no seu enunciado, através das marcas linguísticas por ele assinaladas. A situação de produção demarca, pois, a representação virtual (não presencial) do interlocutor.

O sujeito escrevente, que está diante de dois mundos no flagrante da sua enunciação, age de acordo com o que esses mundos representam para ele. É o seu papel social que demarca zonas fronteiriças e o faz em função também do papel social representado pelo interlocutor. É nesse contexto que o sujeito escrevente age por intermédio da linguagem. Dessa maneira, os valores relacionados a cada um desses parâmetros, sejam eles sociais ou históricos, incidem

sobre o enunciado, no instante da enunciação. O sujeito escrevente tem diante de si um conjunto de elementos linguísticos que pode selecionar para o seu enunciado. Na modalidade escrita, além desse aparato, a pontuação em geral e a vírgula, em particular, vão servir de ferramenta para esse seu “agir sobre a linguagem”. No entanto, não é o uso isolado da vírgula que está em jogo, mas o modo como esse uso se relaciona com os demais elementos do plano do discurso e os efeitos de sentidos proporcionados por esse uso.

Quanto à constituição do *corpus*, selecionamos 50 (cinquenta) textos correspondentes às respostas produzidas pelos formandos a uma questão do ENADE/2001¹. Para essa seleção, foi escolhido o método da amostragem sistemática, para que se obtivesse uma subamostra representativa do *corpus* maior (3625 provas). A seleção sistemática permite que seja extraída uma subamostra contendo elementos de variados estratos constantes na amostra geral. Os estratos abrangem: as cinco regiões geográficas do Brasil, diferentes municípios, quatro tipos de dependência administrativa (federal, estadual, municipal e privada), vários tipos de natureza da instituição (universidades, centros universitários, faculdades e institutos superiores), sexo e idade dos examinandos. O *corpus* é, portanto, constituído por diferentes estratos e características, retratando um perfil do Brasil em suas diferentes regiões e municípios, instituições de ensino superior (públicas e privadas) e sexo e idade dos formandos.

4. Análise: o uso enunciativo da vírgula nos textos dos formandos

Na análise, o modo de pontuar um texto não tem a conotação de desvio/não desvio das regras, mas se caracteriza como uma possível pista da função enunciativa do uso da vírgula. Apresentamos, a seguir a questão, conforme constou no ENADE:

¹ O uso desse material foi autorizado pelo INEP-MEC, no ofício INEP/DAES nº 001708/2002 de 02/04/2002.

Questão 1

O texto abaixo foi produzido por uma menina de 10 anos.

O outro lado da ilha

Essa história começa com uma família que vai a uma ilha passar suas férias. Quando eles chegam eles vão logo explorando a ilha e explodem uma barreira que os impediã de passar para o outro lado da ilha.

Quando eles foram dormir eles perceberam que os bezerros começaram a correr e que quando foram ver o que estava assustando os bezerros. Quando eles de repente, com uma patada só um caranguejo gigante os atacou. Débora que era sua esposa começou a chorar dizendo que queria ir embora.

Quando amanheceu eles foram ver como estava o barco, para ir embora e perceberam que o barco não estava lá. Os homens saíram para explorar a ilha, e no meio do caminho encontraram um caranguejo que estava no penhasco. Eles não quiseram saber e atiraram no caranguejo que caiu ribanceira abaixo. Mas o marido de Débora, desmaiou e seu irmão não tinha como ajuda-lo, por isso foi chamar ajuda. [...] (In: MARCUSCHI, L. A. Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras, inédito, fragmento adaptado).

Uma característica desse texto é a forma como a menina faz as ligações coesivas. Elabore um texto no qual você proponha alterações para o segundo parágrafo, apresentando três soluções para o problema dos elos coesivos. Justifique as alterações sugeridas com o apoio de noções linguísticas. (negrito nosso)

Para a análise, conforme dito anteriormente, observamos apenas a reescrita do segundo parágrafo do texto-base (trecho em negrito), isto é, a parte narrativa das respostas. Importante ressaltar que os textos apresentados como exemplos estão na grafia original.

O exemplo [1] é uma sentença complexa, em que há duas locuções verbais e um verbo, compondo três orações na construção da sentença.

[1] Quando eles foram dormir, perceberam que os bezerros começaram a correr.[...] (T15²)

² A notação faz referência ao texto (resposta da questão do ENADE) 15, dentre 50, como explicitado na metodologia.

A estrutura que inicia esse enunciado desempenha o papel de circunstancializadora de tempo, representada por uma oração subordinada adverbial. A vírgula estabelece, no processo de planificação do enunciado e do texto, relações hierárquicas de ligação entre os acontecimentos relatados na narrativa. Dessa forma, ao desempenhar o seu papel de circunstancializadora, marca também sua função enunciativa, uma vez que topicaliza a informação temporal, ligando-a à informação anterior e, ao mesmo tempo, propiciando a progressão da narrativa. Essa posição da vírgula evidencia sua função enunciativa, pois, ao propor ligação entre o já enunciado e o que se enuncia em seguida, o sujeito escrevente se marca em seu enunciado.

Com relação ao lugar relevante para emprego da vírgula – final de oração adverbial temporal anteposta (primeira frase do 2º parágrafo do texto-base): “Quando eles foram dormir...”, observamos, na totalidade do *corpus*, que cerca de 60% do apresentam a vírgula nessa posição. Isso nos leva a indagar por que alguns escreventes a delimitam com vírgula e outros não. Ou, mais ainda, por que um mesmo formando pontua de forma diferente um texto? Provavelmente, porque se trata de fatores que extrapolam a subordinação a um conjunto de regras estáticas de pontuação, normalmente estabelecidas para o nível da fala. A relação com o interlocutor representado no texto e com o tópico desenvolvido pode ser a motivação que leva o sujeito escrevente a ser ou não consistente em um determinado uso da vírgula.

Vejamos o próximo exemplo:

[2] Quando eles foram dormir eles perceberam que os bezerros começaram a correr, **então** eles foram ver o que estava assustando os bezerros. De repente, com uma patada só um carangueijo gigante os atacou. (T 08) (grifo nosso)

No exemplo [2], a ausência da vírgula após a oração adverbial temporal e a repetição do pronome pessoal “eles”, utilizado como sujeito da oração seguinte, evidencia um uso muito

comum na língua oral, principalmente nas narrativas. Esse uso possibilita marcar as diferentes seqüências e, ao mesmo tempo, ligar as sucessivas enunciações. Na escrita, o esperado é que o pronome “eles”, mesmo que mantido, seja antecedido por vírgula. A ausência desse sinal de pontuação e a repetição do pronome permitem inferir que esse enunciado revela um modo de conceber o texto escrito, a saber, como transcrição do texto oral.

A ocorrência da vírgula, na primeira parte do exemplo [2], é a forma de ligação efetuada entre o segundo e o terceiro segmento (marcadas por nós em negrito) efetuada pela vírgula seguida de “então”. Esse uso está diretamente relacionado ao grau de união entre esses dois segmentos. Desse modo, torna-se visível que o sujeito escrevente hierarquiza o seu enunciado de modo diferenciado. Trata-se, pois, de uma relação que ele estabelece com o seu enunciado.

No segundo parágrafo do texto-base, temos dois adjuntos adverbiais de modo – lugar relevante para a presença de vírgula: “de repente” e “com uma patada só”. O adjunto adverbial de modo tem o papel de adaptar a cena ao que é dito de tal forma que a ação representada pela locução verbal “com um patada só” fique destacada na narrativa. Vemos também diferentes maneiras de delimitar o adjunto adverbial de modo no exemplo [2]. A pontuação, nesse exemplo, inclui um segundo adjunto adverbial de modo, “com uma patada só”.

Observemos o próximo exemplo, [3]:

[3] Quando eles foram dormir eles perceberam que os bezerros começaram a correr e quando foram ver o que estava assustando os bezerros, de repente, com uma patada só um caranguejo gigante os atacou. (T 03)

Note-se que, em [3], o sujeito escrevente utilizou-se da vírgula (correlativa) apenas para demarcar o adjunto adverbial de modo “de repente”. Trata-se, portanto de um enunciado pouco assinalado por pontuação. No entanto, nele podemos observar certas marcas recorrentes, como o uso das conjunções “e quando” como também o uso do pronome “eles”. Desse modo, o uso da vírgula (correlativa), reservado somente para o momento de demarcar o adjunto, mostra que

o sujeito escrevente mantém uma representação da escrita muito próxima do oral informal. A vírgula (correlativa), nesse caso, vem, pois, evidenciar sua função enunciativa, uma vez que esse sujeito parece supor, com essa delimitação, destacar a forma abrupta com que alguns personagens foram atacados, dando a esse momento do ataque muito mais evidência. Reproduz-se, portanto, um modo oral de contar histórias por meio do escrito.

Temos, pois, nos exemplos [2] e [3], o uso da vírgula de modo diferenciado em suas delimitações, porém, marcando uma função enunciativa, visto que registra a relação do sujeito escrevente com o seu enunciado e com a própria representação da cena narrada.

Os dados da análise mostram que, de modo geral, os sujeitos escreventes assinalam com vírgulas correlativas o aposto – lugar relevante para a presença da vírgula. Esse tipo de oração contribui para uma particularização sobre um antecedente. Quando o antecedente for um nome próprio, por tratar-se de um ser único, “[...] o que a ele se anexa é ‘explicativo’” (Luft, 2002, p. 68) e esse caráter explicativo é marcado pela vírgula.

Ao reescreverem o segundo parágrafo, vários escreventes introduziram novas informações no texto-base, como se pode observar em [4]:

[4] Desta forma, Débora, **a mãe dos filhos**, começou a chorar dizendo que queria ir embora. (T15) (grifos nossos)

Em [4], o sujeito escrevente, ao acrescentar nova informação, busca explicitar o referente do pronome “sua” que aparece no texto-base sem um referente explícito, no caso, uma anáfora indireta, isto é, “[...] geralmente constituída por expressões nominais definidas ou pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto” (Marcuschi, 2001, p. 1). Dessa forma, o referente assim explicitado – “a mãe dos filhos” – é também dado como já conhecido, pressupondo-se, portanto, que o interlocutor já tenha essa informação.

Defendemos que a pontuação correlativa, no exemplo [4], desempenha uma função enunciativa. Constituída no jogo dialógico, essa função mostra, nesse caso, a preocupação do sujeito escrevente com o seu interlocutor no momento em que ele procura explicitar o referente que, no texto-base, está implícito. Esse uso da vírgula está de acordo com o que Chacon (1998) observa sobre os sinais de pontuação em geral:

[...] os sinais [de pontuação] funcionam como marcas de interlocução no texto escrito. Tais marcas antecipam o interlocutor, ao mesmo tempo em que revelam o produtor da escrita, na medida em que, ao serem utilizadas pelo escrevente para chamar a atenção do leitor, chamam igualmente a atenção para o próprio escrevente (p. 126).

A vírgula, em sua função enunciativa, não atua isoladamente. As palavras acrescentadas pelos formandos na forma de aposto também desempenham papel fundamental. Vale lembrar, porém, com Bakhtin, que a “[...] apreciação social contida na palavra, é transmitida através da *entonação expressiva*” (1986, p. 132, grifo do autor). Segundo o que pensamos, é esse tipo de indicação que a pontuação correlativa faz nos apostos.

É igualmente importante o fato de a vírgula indicar uma pausa e sinalizar uma determinada entonação. Segundo Chacon (1998), a entonação “[...] funciona como suporte indispensável para a compreensão do que é construído por meio de palavras” (p. 18). Assim, é no contorno entonacional, indicado pela vírgula, que as palavras selecionadas pelo escrevente ganham sentido.

Essa vírgula, associada ao todo da unidade delimitada, remete essa mesma unidade para a unidade seguinte, reordenando as frases. Com isso, a vírgula delimita a enunciação da ação feita e uma circunstância dessa ação (o modo como foi realizada). Assim, o sujeito escrevente se marca no enunciado por intermédio da vírgula. Esse colocar-se no próprio enunciado registra, ao mesmo tempo, a relação intersubjetiva, pois ele se mostra ao interlocutor pela escolha que faz.

Podemos, pois, afirmar que a vírgula tem função enunciativa, visto que essa intervenção indica ao interlocutor que aquele destaque merece atenção. Dito de outro modo: esse uso da vírgula marca a relação do escrevente com a oralidade, já que registra uma variação prosódica no enunciado. Portanto, se por um lado pode ser considerada uma pausa para marcar a necessidade fisiológica de respirar e/ou marcar uma inflexão da voz no momento da leitura, a vírgula pode, também, do ponto de vista semântico-enunciativo, funcionar como um recurso por meio do qual o sujeito escrevente assinala no seu enunciado aquilo que quer destacar, suscitando um possível efeito sentido para o que se está enunciando.

Portanto, a vírgula é uma marca visível que propicia ao sujeito escrevente manifestar a sua dupla dialogia: entre ele e o seu enunciado e entre ele e o outro. Essa negociação é estabelecida de forma ampla, uma vez que também está presente o diálogo com outros enunciados, ainda que não registrados na superfície do texto. Dessa forma, a vírgula, em sua dimensão enunciativa, é constituída na dupla dialogia do sujeito escrevente, que se estabelece na natureza heterogênea da linguagem.

Conclusão

Concluimos que, no modo de pontuar dos sujeitos escreventes apresentado neste artigo, há certas regularidades reveladas que mostram que esses sujeitos não pontuam de maneira aleatória. No modo de pontuar, adotam estratégias conscientes ou não, as quais revelam que o formando se faz autor de seu enunciado, pois deixa pistas linguísticas na superfície do texto, por meio das quais mostra que pode interferir na constituição de sua escrita, permitindo, também que o interlocutor seja mostrado em seu enunciado. Além disso, ao apoiarmos nas reflexões de Bakhtin, pudemos compreender ainda mais a natureza constitutivamente dialógica da linguagem.

Ao pontuar com vírgulas o seu enunciado, o sujeito escrevente estabelece relações dialógicas. Trata-se de uma atividade enunciativa que possibilita a integração entre os diferentes aspectos da linguagem. Ao estabelecer essas relações por meio do uso da vírgula, revela a sua dimensão enunciativa, a qual extrapola os parâmetros normativos que regem o emprego dos sinais de pontuação.

Depreendemos, pois, que o modo de pontuar desses escreventes aponta para diferentes formas de se olhar para o texto escrito, principalmente, em relação aos numerosos itens de funções e usos atribuídos à vírgula pelos manuais normativos. Esse novo olhar sugere novas direções para o ensino-aprendizagem da escrita. No entanto, tratar do ensino da pontuação não é tarefa fácil, pois, se dissemos que pontuar é também constituir efeitos de sentidos, ensinar a pontuar somente pela imposição de regras estáticas, como encontramos nas gramáticas, não é uma boa prática. Esta complicação deve-se ao fato de que, no ensino de Língua Portuguesa, privilegia-se uma pontuação que vem numa única direção: das normas para o uso. Nesse modo de ensinar, não se levam em consideração fatores externos à estrutura da língua que estão presentes e repercutem na composição do texto. Desse modo, o ensino da pontuação não pode deixar de fora sua dimensão enunciativa.

Por isso, ao se ensinar a usar os sinais de pontuação e, especificamente, da vírgula, não podemos permanecer apenas em uma dimensão. É necessário extrapolar os limites frasais e aplicar o uso dos sinais de pontuação no enunciado como um todo, levando em consideração o contexto de produção, uma vez que é nesse contexto que esse modo de pontuar se revela numa relação duplamente dialógica, que mostra o sujeito escrevente na sua relação com o outro. Nessa relação, estabelecem-se momentos de negociação entre os interlocutores, marcados no enunciado por meio da vírgula, configurando a sua função enunciativa.

Salientamos que o ensino da pontuação não deve ser isolado. Livre de uma metodologia cunhada na estrutura canônica da frase, adquire uma dimensão ampliada, e seu ensino deve

estar diretamente relacionado ao trabalho com o texto e de forma contextualizada às práticas sociais tanto da leitura quanto da escrita, de modo que permita o uso enunciativo dos sinais de pontuação.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Paris: Larousse, v.1, 1995.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. Les frontières entre poétique et linguistique, 1929. In: TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Éditions du Seuil: Paris, p. 243-285, 1981.
- BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas-SP: Pontes, p. 81-90, 1989.
- _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 4. ed. Campinas-SP: Pontes, 1995.
- CATACH, N. La ponctuation. In: *Langue Francaise 45*. Paris: Larousse, p. 16-27, 1980.
- CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio*. 1. ed. 15. impressão. São Paulo: Nova Fronteira, 1975.
- LUFT, C. *A vírgula*. São Paulo: Ática, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: *Revista de Letras da UFPR*. Curitiba, UFPR, 2001 – versão revista do texto apresentado IV Jornada do CELSUL – UFPR, nov./2000.
- Recebido em: 10/12/2020
- Aceito em 31/12/2020.